

Recensões

Mortimer Arias, Salvação hoje. Entre o cativo e a libertação.
Editora Vozes Ltda. Petrópolis, 1974.

Dos grupos evangélicos da América Latina a Igreja Metodista tem em público a voz mais clara no que diz respeito à responsabilidade política da comunidade cristã. Isto fica provado através de muitos documentos oficiais de sínodos dessa Igreja sobre questões como a distribuição justa do Produto Interno Bruto de uma nação ou o uso correto do poder estatal ou ainda a realização dos direitos humanos, como, por exemplo, o do divórcio. O livro do bispo metodista boliviano Mortimer Arias (= A.), *Salvação hoje*, está também nesta linha. Pode-se dizer que uma igreja que tenha bispos que escrevem tais livros abertos e honestos, deve ter uma consciência despertada para os problemas da sociedade, da Igreja e dos estados na América do Sul.

O peculiar, porém, do livro de A. reside em dois outros aspectos, bem como em seu método. Começemos com o método. A. apresenta seus pensamentos citando muitos documentos, poemas, confissões, cantos e cartas. A riqueza do material é surpreendente. No fim de cada capítulo coloca uma série de perguntas, cuja reflexão e resposta devem servir como aprofundamento no problema tratado, e dá conselhos para leitura subsequente. Este método torna o livro recomendável para o trabalho nos diversos campos das comunidades, particularmente com a juventude cristã e na formação de líderes. E quais são os outros aspectos que constituem o peculiar do livro?

De uma parte, A. é o primeiro a refletir teologicamente no âmbito sul-americano sobre a Conferência da Comissão de Evangelismo e Missão Mundial, que teve lugar nos fins de 1972 até o começo de 1973 em Bangkok. Nisso A. utiliza e cita a quase totalidade dos documentos de Bangkok, identificando-se sem reservas com espírito e letra desta Conferência.

Visto de perto A., porém, não traz nada de novo neste ponto. As exigências, os postulados e pensamentos já conhecidos através da "Teologia da Libertação" são repetidos. A. aprova a dimensão política, social, cultural e individual do termo "salvação", através de amplas citações do AT e do NT; ele concorda com a crítica das igrejas tradicionais em sua ocupação consigo mesmas e participa na crítica que em Bangkok foi feita contra o espírito imperialista das missões das igrejas da Europa e dos Estados Unidos, sem fazer esforços necessários para diferenciar o problema. Confirma sem

muita fundamentação teológica a realização do Reino e da vontade de Deus fora dos muros das igrejas nas lutas em prol da libertação pela dignidade humana, pelos direitos humanos, pela identidade pessoal, racial, sexual e nacional. Seu pensar teológico, aliás, consiste mais em citações do AT e do NT do que num desenvolvimento consistente e homogêneo das afirmações. Não descobri um só termo teológico no livro que desse uma nova luz àquilo que já conhecemos da "Teologia da Libertação".

Por outro lado, o livro contém um dos primeiros reflexos sul-americanos — e aqui reside o seu valor teológico — daquilo que pode ser chamado de afrouxamento ou desilusão na euforia "libertadora". Sem dúvida, A. escreveu seu livro antes do assassinio de Allende, cuja presidência ainda deu muito elã ao livro de Gutiérrez e aos grupos que acompanharam esse livro. Todavia, o último capítulo de Salvação hoje, cujo título é idêntico com o subtítulo de todo o livro, se lê como uma antecipação dessa queda e suas consequências. É um reflexo da desilusão na teologia da libertação. O próprio A. diz que escreveu este capítulo "no último momento" como "correção depois que escrevemos nosso texto principal" (pág. 138).

Esta "autocorreção" faz bem à qualidade pastoral deste livro. Corrige uma remitologização da esperança que ameaçava à teologia da libertação. Ensina à teologia a limitar-se aos seus próprios meios e possibilidades, isto é, à Palavra cujo uso crítico e contestador e cuja aplicação consoladora no mundo ficam bem explicadas, recorrendo aos profetas Jeremias e Isaías no fim do livro.

Ao meu ver, a qualidade deste livro reside na volta da Igreja à modéstia aqui na América do Sul. Mas o livro demonstra simultaneamente que esta modéstia não precisa ser idêntica com covardia, resignação ou falta de convicção cristã daqueles grupos evangélicos que não se apresentam publicamente nos conflitos manifestos e horríveis deste continente.

Wilhelm Hüffmeier

Carlos Mesters, *Por trás das palavras*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, 1974. Vol. 1, 257 págs.

O subtítulo deste livro auxilia muito bem para ilustrar o estilo do autor e, ao mesmo tempo, indicar o propósito do livro: "Um estudo referente à porta de entrada no mundo da Bíblia". Raramente um autor consegue reunir, numa só obra teológica, um estilo literário tão pitoresco com uma profundidade científica como a de Mesters. Efetivamente, o estilo condiz com a paixão deste erudito holandês, que é disseminar a Palavra de Deus entre o povo brasileiro. Contudo, sua paixão não se restringe à propagação da Palavra e sua exegese, mas abrange ainda a consideração das exigências concretas da nossa gente perante essa Palavra. Por isso ele ilustra a sua conversa com parábolas e figuras, que são indícios de uma rica experiência da prática pastoral na Igreja Católica

Romana. A presente obra é o resultado direto de um curso realizado no Centro de Integração Psico-Teológico de Belo Horizonte, mantido pela Província Carmelitana de Santo Elias. Carlos Mesters já é autor de outros livros de cunho semelhante, tais como *Palavra de Deus na história dos homens* (2 vols.), *Paraíso terrestre, saudade ou esperança?*, a série *Círculos bíblicos* e outras publicações.

A preocupação primordial de Mesters é restabelecer o contato entre a Palavra de Deus e o povo. Como evangélicos luteranos devemos admitir que neste ponto temos algo em comum, pois era o desejo do reformador Martinho Lutero pôr novamente a Bíblia nas mãos do povo. No entanto, é precisamente neste ponto que Mesters problematiza a situação, declarando que temos alienado o povo de sua moradia legítima, que é a Bíblia, pela exegese científica e a demasiada dedicação para com o passado. O primeiro capítulo é uma parábola que ilustra vividamente este processo de alienação. Ele cita também a pergunta de L. Aoneo Schökel: "A exegese científica é atualmente um produto ocidental. E não apenas ocidental, mas em grande parte germânico e saxônico. A pergunta concreta que se deve fazer é: Será que um chinês precisa da ciência exegética alemã para compreender as Escrituras? Será que um africano tem necessidade da ciência exegética saxônica? A partir desses extremos culturais podemos continuar perguntando: Será que os cristãos da América Latina precisam dos especialistas norte-americanos para que a Palavra de Deus lhes fale? Pela colocação, pela lógica e pela bibliografia sabemos que Mesters não está colocando o problema da exegese em termos de autodefesa, mas sim como uma pessoa em plenas condições de fazer uma exegese como qualquer teólogo europeu (o que ele é). Porém a sua convivência com o povo o convenceu de que há uma grande lacuna entre as explicações exegéticas e as necessidades do povo. O leitor sente que o autor luta visceralmente com o problema da propagação da Palavra. Num lance parabólico ele compara o exegeta com um jardineiro que se preocupa em explicar o uso de adubo, etc., para o faminto, mas esquece de dar-lhe a fruta para acalmar a dor da fome.

"O objetivo último da Bíblia — diz Mesters — não é a investigação científica do seu sentido literal e histórico, mas é preparar os homens para a luta que nos é proposta (cf. Hb 12, 1) e ajudá-los a viver a vida em plenitude." Ressaltamos que o autor insiste na importância da exegese científica mas sua insistência maior se encontra no valor do povo para o qual a Palavra deve ser dirigida. Quando se desdobra sua tese sobre a "re-leitura" bíblica, ele enfatiza o papel da comunidade de fé na interpretação da Bíblia. Das 257 páginas do livro, 131 páginas são dedicadas à terceira parte, intitulada "A Bíblia vista e interpretada pela Bíblia". Nesta parte o autor procura demonstrar a maneira e a liberdade com que os autores bíblicos interpretaram textos e eventos anteriores ou veterotestamentários. A liberdade interior dos autores da Bíblia para interpretar a Palavra nasce da sua fé em Cristo. Tudo é revisto e

reinterpretado de acordo com esse “critério da fé”. Paulo, por exemplo, afirma Mesters, não arrogara para si o direito de interpretar caprichosamente os textos, mas somente conforme a “carta de Cristo” que ele entendeu como a comunidade dos cristãos.

É claro que o livro **Por trás das palavras** é dirigido mormente aos católicos e, assim sendo, alguns termos que Mesters usa carecem de sentido para os evangélicos ou têm uma expressão para a qual precisamos de uma certa cautela na interpretação. Mas mesmo assim o livro possui valor para nós como auto-exame para a exegese evangélica. Será que a nossa palavra é alimento para o nosso povo? Como é que sabemos? É a nossa convivência com os nossos membros tão legítima que a comunicação com eles é espírito e não apenas letra?

No apêndice III Mesters levanta o problema de Lutero quanto à sua maneira individualista de interpretar as Sagradas Escrituras. Não há dúvida que a ruptura da Reforma com a Igreja Católica Romana desencadeou uma série de diversas interpretações e um individualismo na Igreja Protestante. Contudo, seria necessário questionar esta acusação contra Lutero. Afinal de contas também ele teve uma preocupação maior para que a comunidade de fé tivesse em mãos a Bíblia na língua do povo.

Conforme Mesters, a força motriz do “Povo de Deus” era e é o sentido “Deus conosco”. Parece-me, todavia, que ele ainda liga este conceito “Deus conosco” com o magistério da Igreja Católica Romana. Pergunto: “Por que a ‘Palavra de Deus’ não pode despertar este sentido ‘Deus conosco’? — Qual é a diferença entre um pentecostal ou fundamentalista e seu sentido que Deus está conosco? Por que um pode ter o critério de fé para fazer a ‘re-leitura da Bíblia’ e o outro não?” — É o magistério da Igreja institucionalizada que concede esta liberdade ou o Espírito Santo?

O livro suscita algumas perguntas, porém, dada a importância que os evangélicos dão à Palavra de Deus, ele provoca um questionamento muito sério.

Richard Wangen